

Colégio de Aplicação

Universidade Federal do Rio de Janeiro



Admissão 2012

1ª série

ensino médio

Língua Portuguesa



Texto 1

Eu sei, mas não devia

Marina Colasanti

Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia.

A gente se acostuma a morar em apartamentos de fundos e a não ter outra vista que não as janelas ao redor. E, porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora. E, porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. E, porque não abre as cortinas, logo se acostuma a acender mais cedo a luz. E, à medida

A gente se acostuma a acordar de manhã sobressaltado porque está na hora. A tomar o café correndo porque está atrasado. A ler o jornal no ônibus porque não pode perder o tempo da viagem. A comer sanduíche porque não dá para almoçar. A sair do trabalho porque já é noite. A cochilar no ônibus porque está cansado. A deitar cedo e dormir pesado sem ter vivido o dia.

A gente se acostuma a abrir o jornal e a ler sobre a guerra. E, aceitando a guerra, aceita os mortos e que haja números para os mortos. E, aceitando os números, aceita não acreditar nas negociações de paz. E, não acreditando nas negociações de paz, aceita ler todo dia da guerra, dos números, da longa duração.

A gente se acostuma a esperar o dia inteiro e ouvir no telefone: hoje não posso ir. A sorrir para as pessoas sem receber um sorriso de volta. A ser ignorado quando precisava tanto ser visto.

A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o de que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro com que pagar. E a ganhar menos do que precisa. E a fazer fila para pagar. E a pagar mais do que as coisas valem. E a saber que cada vez pagará mais. E a procurar mais trabalho, para ganhar mais dinheiro, para ter com que pagar nas filas em que se cobra.

A gente se acostuma a andar na rua e ver cartazes. A abrir as revistas e ver anúncios. A ligar a televisão e assistir a comerciais. A ir ao cinema e engolir publicidade. A ser instigado, conduzido, desorientado, lançado na infundável catarata dos produtos.

A gente se acostuma à poluição. Às salas fechadas de ar condicionado e cheiro de cigarro. À luz artificial de ligeiro tremor. Ao choque que os olhos levam na luz natural. Às bactérias da água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios. Se acostuma a não ouvir passarinho, a não ter galo de madrugada, a temer a hidrofobia dos cães, a não colher fruta no pé, a não ter sequer uma planta.

A gente se acostuma a coisas demais, para não sofrer. Em doses pequenas, tentando não perceber, vai afastando uma dor aqui, um ressentimento ali, uma revolta acolá. Se o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço. Se a praia está contaminada, a gente molha só os pés e sua no resto do corpo. Se o trabalho está duro, a gente se consola pensando no fim de semana. E se no fim de semana não há muito o que fazer a gente vai dormir cedo e ainda fica satisfeito porque tem sempre sono atrasado.

A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se de faca e baioneta, para poupar o peito. A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, gasta de tanto acostumar, se perde de si mesma.

(COLASANTI, Marina. *Eu sei, mas não devia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. p. 9-10)



Texto 2

O que falta

Zuenir Ventura

5 Talvez seja cedo. Ainda não dá para considerar aquela saída às ruas de milhares de jovens protestando contra a corrupção como o início de um movimento igual ao das
10 diretas já em 1984, dos caras-pintadas em 1992 ou das recentes manifestações dos estudantes chilenos, espanhóis e gregos, entre outros. O anseio de ver o país se mexer tem criado uma expectativa que pode ser exagerada. A cautela recomenda esperar pelo menos até o próximo dia 20¹, quando está programado um desdobramento do 7 de setembro no Rio. De qualquer maneira, duas novidades positivas já se fizeram sentir: a indignação virando ação, coisa que não acontecia há muitos anos, e as redes sociais sendo utilizadas como instrumento de mobilização popular, a exemplo do que aconteceu em vários países, a começar pelos que se revoltaram contra as ditaduras na chamada Primavera Árabe.

15 O desafio é manter acesa a chama, para não repetir experiências frustrantes como a de 2007, o *Cansei*, que chegou a organizar passeatas reunindo líderes empresariais e políticos, mas que durou pouco. Também!, um movimento que em vez de prometer disposição para a luta exaltava a desistência, declarando-se cansado, não podia ter vida longa. Agora, porém, observa-se uma mudança de clima em vários setores da sociedade: há uma intolerância para com os abusos éticos que cresce à medida que se repetem escândalos como o da deputada flagrada embolsando dinheiro sujo e depois absolvida. Ou o do ministro de Turismo, que pagava à governanta com verba pública –
20 aquele mesmo que bancou com cota parlamentar uma farra em motel. Só o que se tem roubado na área da saúde dá para curar quase todos os males do país.

25 Entre os jovens, ainda se percebe muito desencanto em relação a eles mesmos e ao governo, principalmente depois que a presidente diminuiu o ímpeto de sua faxina². Os fichas-sujas aproveitam-se desse estado de resignação da opinião pública para alegar que indignação é “coisa da mídia” e que o povo só pensa no bolso. Eles podem estar enganados. Alguns movimentos de massa caracterizaram-se pela imprevisibilidade. Não deram sinal de “cheguei!” e nem foram antecipados pelos cientistas sociais ou pelos jornalistas. Foram processos de acumulação gradativa de energia, muitas vezes imperceptíveis, que de repente explodiram em protestos de rua. Às vésperas da rebelião
30 estudantil de 1968, na França e aqui, acreditava-se que não acontecia nada e que não ia acontecer. No entanto, os estudantes de Paris, Rio e outras cidades do mundo estavam armazenando energia para uma das mais estrondosas insurreições urbanas do século passado. Hoje, no Brasil, não faltam motivos, falta motivação. De repente, ela pode aparecer.

(VENTURA, Zuenir. *O Globo*, 17 de setembro de 2011.)

¹ Refere-se à Marcha contra a Corrupção, ocorrida na Cinelândia, no Rio de Janeiro, organizada pelo movimento “Todos juntos contra a corrupção”.

² Refere-se à série de medidas moralizadoras realizadas pela presidente Dilma Rousseff, com o objetivo de combater a corrupção em órgãos do governo.



Texto 3

Indignai-vos

Stéphane Hessel

É verdade, os motivos para se indignar atualmente podem parecer menos nítidos, ou o mundo pode parecer complexo demais. Quem comanda, quem decide? Nem sempre é fácil distinguir entre todas as correntes que nos governam. Não lidamos mais com uma pequena elite cujas ações entendemos claramente. É um vasto mundo, no qual sentimos bem em que medida é interdependente. Vivemos em uma interconectividade que nunca existiu antes. Mas nesse mundo há coisas insuportáveis. Para vê-las é preciso olhar bastante, procurar. Digo aos jovens: procurem um pouco, vocês vão encontrar. A pior das atitudes é a indiferença, é dizer “não posso fazer nada, estou me virando”. Quando assim se comportam, vocês estão perdendo um dos componentes indispensáveis: a capacidade de se indignar e o engajamento, que é consequência desta capacidade. [...]

O pensamento produtivista, trazido pelo Ocidente, levou o mundo a uma crise da qual devemos sair pela ruptura radical com a fuga para a frente do “sempre mais” na área financeira, mas também na das ciências e das técnicas. É chegado o tempo em que a preocupação com a ética, a justiça, o equilíbrio sustentável deve prevalecer. Porque os mais graves riscos nos ameaçam. Podem pôr um termo à aventura humana num planeta ameaçado de tornar-se inabitável. [...]

A década anterior, desde os primeiros anos 1990, foi fonte de grandes progressos. As Nações Unidas souberam convocar conferências, como a do Rio de Janeiro, sobre o meio ambiente, em 1992; a de Pequim, sobre as mulheres, em 1995; em setembro de 2000, por iniciativa do secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan, os 191 países membros adotaram a declaração sobre os “Oito objetivos de desenvolvimento do milênio”, por meio da qual se comprometem, notadamente, a reduzir pela metade a miséria no mundo até 2015. Lamento muito que nem Obama nem a União Europeia se tenham manifestado, até agora, sobre qual deveria ser a sua contribuição para uma fase construtiva, apoiando-se nos valores fundamentais.

Como concluir este apelo à indignação? Lembrando ainda que, por ocasião do sexagésimo aniversário do Programa do Conselho Nacional da Resistência, em 8 de março de 2004, nós, os veteranos dos movimentos da Resistência e das forças combatentes da França Livre (1940-1945), dizíamos que certamente “o nazismo foi vencido graças ao sacrifício de nossos irmãos e irmãs da Resistência e das Nações Unidas, contra a barbárie fascista. Mas essa ameaça não desapareceu totalmente, e nossa cólera contra a injustiça permanece intata.”

Não, essa ameaça não desapareceu totalmente. Por isso, apelamos sempre para uma verdadeira insurreição pacífica contra os meios de comunicação de massa, que, como horizonte para nossos jovens, só sabem propor o consumo de massa, o desprezo aos mais fracos e à cultura, a amnésia generalizada e a competição desenfreada de todos contra todos.

A todos aqueles e aquelas que construirão o século XXI, dizemos com carinho:

CRIAR É RESISTIR.

RESISTIR É CRIAR.

(HESSEL, Stéphane. *Indignai-vos*. Tradução Marli Peres. São Paulo: Leya, 2011. Texto adaptado)



Texto 4



(QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p.391.)





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLÉGIO DE APLICAÇÃO

CONCURSO DE ADMISSÃO À PRIMEIRA SÉRIE DO ENSINO MÉDIO - 2012

NIVELAMENTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

05/11/2011

INSTRUÇÕES:

1. Confira o número de textos (4) e de questões (10) de sua prova.
2. Registre nas folhas do caderno de respostas seu número de inscrição no local solicitado, não escrevendo seu nome na prova, **de modo algum**.
3. Você terá 4 horas para concluir as provas de Matemática e Língua Portuguesa.
4. Faça letra legível: o que não for entendido não será considerado.
5. Use caneta azul ou preta.
6. Não é permitido o uso de fita ou líquido corretivo.
7. Responda às questões sempre com suas próprias palavras, a menos que seja solicitada alguma transcrição do texto.
8. Não exceda o limite de linhas traçadas para cada questão.
9. Procure reler a prova antes de entregá-la.
10. Ao final da prova, entregue ao fiscal todos os cadernos das provas de Língua Portuguesa e de Matemática.